

# EU VOS DECLARO MARIDO E MULHER

Walter Uhle Filho

Em 1970, eu tinha 33 anos. Conheci a Dircéa no Colégio Santo Agostinho, onde nós dois trabalhávamos.

Conversa vai, conversa vem... nós concordamos que nos amávamos e do namoro, seguiu-se o noivado.

Eu morava na rua Domingos de Morais, 770, na Vila Mariana e freqüentava a igreja de Santo Inácio, na rua França Pinto. Ela, que havia nascido na rua Orville Derbi, morava na rua João Antônio de Oliveira.

Marcamos o casamento: 8 de julho de 1972. O dia mais frio que já vivi na vida.

Para o casamento, seriam necessários doces e salgados e aquelas coisinhas para a festa, sim, que minha sogra não queria que sua filha casasse sem festa. Doces? Salgados? Bolo? Ora, DI CUNTO! Ah, vêm mais dois casais! Lá vai a sogra aumentar o pedido no Di Cunto. Mãe, esquecemos de convidar fulano, vai a sogrinha para o Di Cunto...

Mas casamento não tem só docinhos, tem vestido de noiva, tem igreja, tem salão para a festa, tem enfeites da igreja, tem fotógrafo...

Bem, igreja e salão de festas não foram problemas: os padres do colégio não cobraram nada para o casamento na igreja. Cederam o salão Santa Mônica, recentissimamente (neologismo?) inaugurado,

belíssimo, com enormes cortinas beijas nas janelas.

As flores para enfeitar a igreja e toda a montagem foram doadas pela floricultura que a Dircéa costumava contratar para as festas de formatura do então curso primário.

As fotos e o álbum de fotos foram doados pelo fotógrafo que cobria aquelas formaturas.

Um dia, nós estávamos na praça Santo Agostinho, eu, meu cunhado Salvador e minha cunhada Dilma (irmã da Dircéa) sentados dentro do Fusca dele. A minha cunhada perguntou-me. E a música? Que tal se nós contratássemos o coral do Bastiglia, lá da Mooca? A Dircéa vai adorar! Mas não pode ficar sabendo.

Falei com o Bastiglia (já não lembro com qual dos dois) e perguntei-lhe o preço para levar o Coral (Schola Cantorum!) para a igreja de Santo Agostinho. Foram Cr\$ 400,00. Era o valor do meu salário! Dilma, como vou pagar esse valor?

Ela ofereceu-me metade do valor. Assim, contratamos a Schola Cantorum do Bastiglia. Ele levou 25 cantores e o organista, além dele, claro! o maestro

Eu fiz 200 cópias de toda a liturgia matrimonial, com o texto da Missa (lógico, nós não concebíamos casar fora da Missa), de tudo o que seria rezado, porque alguns

amigos prometiam ficar no fundo da igreja para ficarem conversando.

Bastiglia, no céu onde você está, interceda por nós.

Quando as portas se abriram, a Schola Cantorum iniciou o MAGNIFICAT. Houve um arrepio geral na igreja (fiquei sabendo depois) tal a maravilha produzida por aquelas 25 vozes...

Recebi-a no altar. A Missa teve início, oficiada pelo Padre Feliciano Vaz, OSA. No final da primeira folha do texto que eu havia feito, 200 folhas foram viradas, com aquele ruído característico de papel mexido. A glória!

Da homilia de Pe. Feliciano, quero destacar este trecho (eu tenho a homilia inteira até hoje):

*Entre homem e mulher, dentro do lar, há uma aliança indestrutível de almas; há o interesse de todos os minutos, porque a vida de um resume-se na vida do outro. Rigorosamente não há duas pessoas, há uma só, uma vida dupla numa vida a dois: "O casamento é a identificação de duas pessoas imperfeitas num individuo completo".*

*A desarmonia deriva, quase sempre, de cada um se julgar completo, e não querer aceitar aquilo que do outro deve receber por necessidade imperiosa da natureza. A infelicidade de muitos lares resulta mais da incompreensão que da má fé.*

*É preciso não esquecer nunca que a naturezas diversas correspondem concepções de vida diversas. Marido e mulher têm de transigir, têm que aceitar as realidades mútuas, têm de a elas se adaptarem.*